

Alfarrábio

REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

VICE-REITOR

Silvio Luiz Oliveira Soglia



Editora UFRB

SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Ana Cristina Fermino Soares

Ana Georgina Peixoto Rocha

Robério Marcelo Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

Simone Seixas da Cruz

SUPLENTE

Ana Cristina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

JOURNEY PEREIRA DOS SANTOS

Alfarrábio



Editora UFRB

Cruz das Almas - Bahia / 2014

Copyright©2014 Journey Pereira dos Santos

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica:
Júnior Bianchi

Revisão, normatização técnica:
Carlos Alexandre Venancio

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme
decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

S237a Santos, Journey Pereira dos

Alfarrábio / Journey Pereira dos Santos. -- Cruz
das Almas/BA : UFRB, 2014.

88 p.

ISBN 978-85-61346-61-4

1. Literatura brasileira 2. Contos I. Título.

CDD 869.3

Ficha catalográfica elaborada por: Ivete Castro CRB/1073



Editora UFRB

Campus Universitário

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro – 44380-000 Cruz das Almas – BA – Tel.: (75)3621-1293

gabi.editora@ufrb.edu.br – www.ufrb.edu.br/editora

www.facebook.com/editoraufrb

*Aos meus pais, que não tiveram
a oportunidade de ler sequer um
texto meu, dedico sempre,
todo e qualquer escrito...*

SUMÁRIO

Prefácios:

Um séquito pela alma humana	
Rerisson dos Santos Ramos.....	9
Das impressões deste “Alfarrábio”	
André Silva Lima	11
A Aurora da Verdade	15
A Barca.....	17
A Execução	21
A Morte de Charlie	23
A Pedra Amarela	27
Apenas um Idílio	29
A Velha.....	31
Gárgula	43
O Mistério da Medalha.....	45
O Outro (uma fábula ornitológica)	51
O Rio.....	55
O Segredo do Gato	57
O Silêncio dos Ímpios.....	65
O Trem	77
Sob a Ponte	81
<i>Somnium Anima</i>	83

Prefácios

Um séquito pela alma humana

Rerisson dos Santos Ramos¹

Esta coleção de contos é simplesmente admirável. Principalmente pela belíssima dimensão que alcança, levando-nos a uma magnífica jornada pelo espírito humano. Não poderia ser diferente, já que *Journey*, o seu autor, traz na tradução do seu próprio nome, a insígnia de seu ofício.

Neste livro vemos personagens que se deparam com sua própria essência e com o que buscam em meio aos destroços deixados pelos sonhos e esperanças nas quais estão inseridos, não só nas suas próprias vidas, mas na história de todos aqueles que os rodeiam.

Um dos prazeres desta coletânea está na sua própria escrita. Pessoas, animais, paisagens e coisas são descritas com uma vivacidade inebriante. Até mesmo por conta do olhar sensível com o qual se dirige ao cotidiano, ou até por captar o ordinário e transformá-lo em um grande evento, este livro tem em si uma dimensão extremamente realista e efetiva, mas nem por isso abre mão, por exemplo, da fábula em sua composição.

1. Graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e pós-graduado em língua, linguística e literatura pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Outro prazer é a voz forte de sua narrativa. Não há sentimentalismo, apenas diz aquilo que é, algumas vezes em primeira pessoa, estratégia que traz um caráter mais empático ao seu relato.

A sua principal intenção é propor reflexões ao leitor, na perspectiva de manter viva a esperança no gênero humano. Tirá-lo de sua zona de conforto. Abrir-lhe os olhos. Há vida aqui. E a nossa jornada já começou.

Das impressões deste “Alfarrábio”

André Silva Lima²

Tarefa bem complicada essa que me foi dada, ainda mais para alguém que escreve pouco e quando escreve sempre acha que ficou péssimo. No entanto, como se tratava de um nobre pedido de estimável amigo, assim, o que me restava fazer era atendê-lo. De início argumentei com Journey que não saberia o que escrever, mas ele me disse que apenas deveria apresentar minhas impressões acerca dos contos que compõem esta coletânea. Então, como diria o magnífico Leminski, “lá embaixo vai ter o que eu acho...”.

A primeira etapa dessa árdua tarefa foi a mais fácil e também a mais prazerosa, tanto mais que o conto é uma narrativa que sempre gostei por conta de ser sempre curto e condensado, desde os contos de Machado de Assis, passando por Guimarães Rosa e chegando até Rubem Fonseca, sem falar de outros tantos. A concisão é o que mais deixa esse tipo de texto fascinante, poucas palavras, uma mensagem para o leitor e depois a reflexão, bem como os haicais, os contos são escritos que se limitam ao essencial. Assim, o texto sempre termina recitente e nos leva a divagar e, por vezes, a complementá-lo, nos transformando desta forma em coautores da obra.

2. Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e é servidor técnico-administrativo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Esses contos que ora apresento, tem esse poder de nos deixar, após sua leitura, num momento de silêncio e reflexão. Já de início nos fica a pergunta da consternação de alguém que viu a face da verdade. Essa profundidade é o que faz desse novo autor, uma promessa para o futuro da literatura baiana, tão carente de autores nos últimos anos. Journey em seu Alfarrábio, que nada tem a ver com o significado do substantivo, pois é composto de narrativas pequenas e de leitura fácil e saborosa. Mostra seu talento em contar histórias com temáticas e espaços bem variados como os grandes escritores universais. Temos um toque de comédia, tragédias, se utiliza de animais como personagens que dão um toque peculiar a suas estórias; além de seus contos se passarem em locais como a rodoviária e a estação de trem de Alagoinhas. Em suma, o livro merece ser lido e, sem dúvida nenhuma, o leitor que se dispuser a dedicar parte de seu tempo a ler esse alfarrábio as avessas terá momentos de delicioso divertimento, que só a boa literatura pode proporcionar.

“Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola.”

Machado de Assis.

Não pretendo antecipar aqui a essência das coisas
que estão por vir. Assim sendo, lamento pelo
prólogo pouco idôneo, e reservo a revelação das
sensações apenas para às
laudas que se seguem...

O autor.

A Aurora da Verdade

Tudo me era plano, vago e óbvio como os pensamentos dos que lá reinavam. A existência era um árduo sofrimento para o corpo e um estado pleno de amênia para a mente dos que insistiam em ficar. Por conta disto, ansiava pelo dia em que, enfim, iria transpor o muro que nos separava do novo e senil destino, que ocultamente sempre esteve a nos esperar...

Confesso, com sinceridade extrema, que sempre quis saber o que havia de tão intrigante do outro lado do muro... Por isso, fiquei imensamente grato quando o acaso me lançou onde, há muito, minha imaginação tentava sem êxito chegar. Contudo, uma vez lá, não vi nada de insólito! Só uma névoa densa e um senhor de ar tranquilo que me disse:

– Uma vez deste lado, jamais poderá regressar!

“Não é possível voltar?” – Esta reflexão pairava como éter e pesava como chumbo dentro da minha mente confusa, enquanto o velho sábio me fitava com olhar profundo. Então, desesperado lhe perguntei:

Senhor, isto é tudo...?

– Sim.

Mas, isso não faz sentido! – Exclamei.

– Consternado? Como podes ficar assim, agora que viu a face da verdade?

A Barca

Passava um pouco mais das quatro da manhã, quando Eliot num sobressalto abriu os olhos para despertar de um sonho ruim que lhe comprimia o peito e sufocava sua respiração. Ofegante, tateou sem êxito à procura do seu velho relógio de bolso, só para confirmar que a hora de seguir para a azáfama do labor havia chegado. De pronto, levantou-se; e ainda mais depressa pôs seu velho terno. Como estranhamente estava sem fome, não mordiscou nenhuma das fatias do pão petrificado que jazia sobre a mesa, nem mesmo sorveu um pouco do chá gélido que compunha este desjejum tão atraente. Pegou a cartola, o sobretudo e cuidadosamente saiu pela porta do minúsculo e encardido quarto de pensão, que o curto dinheiro que ganhava como secretário de terceira classe em uma repartição jurídica era capaz de pagar.

Na rua, foi recepcionado por uma chuva fina e persistente que, junto com o silêncio e a escuridão, formavam um cenário sombriamente interessante. Não se ouvia nada além do barulho gerado pelos seus passos apressados que, como uma espécie de metrônomo, marcava a cadência dos seus pensamentos. E meio que envolto pela música da deambulação, passou a fitar de maneira absorta o brilho trêmulo da luz dos lampiões refletida de forma cintilante nas pedras seculares que cobriam as ruas por onde passava. Seguia quase que a vagar, levado pelo vento calmo e constante da

introspecção. Tal sensação ia aumentando a cada passo e ganhava cada vez mais força à medida que ele observava com certo asco o desolado e vil lugar onde habitava; que há essa hora estava tomado pelos bêbados moribundos da noite anterior e suas garrafas de gim, em meio ao esgoto e ao lixo que ali pareciam fazer morada permanente. Mas, dentre tantos questionamentos existências, um em particular, perseguia-o com tenaz voracidade: não conseguia entender como alguém de sua estirpe, com tantas virtudes morais e intelectuais, poderia viver em um ambiente tão degradante. Achou melhor atribuir ao acaso à autoria desta ação tão incompreensível... Pois, para Eliot, só mesmo esse estranho artista do insólito era capaz de promover tamanha discrepância. Seguiu nisso, até que o quase transe foi abruptamente estilhaçado por um mendigo que clamava aos berros por algum *penny*, para matar a sua fome e a de um cão sarnento que lhe fazia companhia. Estava ajoelhado no meio da rua com os braços abertos e o olhar voltado para o firmamento, como que a solicitar uma intervenção divina. Eliot achou aquela cena ridícula, fato que lhe causou ainda mais repugnância. Pensou que seria melhor ignorar o pedincho infeliz e o seu devaneio alcohólico; mas, num gesto rápido, o pobre homem se colocou diante de Eliot, que quase caiu com aquele repentino movimento. E tomado por um ódio febril, tentou se desvencilhar daquele miserável; contudo este não parava de gritar, enquanto que o seu cão não parava de latir; até que num dado instante, o mendigo estancou de repente, como que acometido por uma paralisia instantânea; e ainda de joelhos, o pedinte, que agora tinha as feições morbidamente pálidas,

apenas se limitou a fitar, com olhar pavoroso, a face de Eliot, que por sua vez, furioso, não parava de dizer impropérios aos ventos...; e por isso nem notara que o mendigo começava a chorar, passando a balbuciar aflito uma frase, repetidas vezes e com carregado sotaque escocês, que a princípio o seu interlocutor não abarcava, mas que logo veio a compreender: “*I am the living one. Was dead, but now I am alive...*”³. Dito isto, o homem partiu em disparada, seguindo o exemplo do seu cachorro, desaparecendo na escuridão de um beco.

Ainda contrafeito com o episódio, Eliot retomou sua caminhada. “Tenho que sair deste inferno, para que um dia enfim, eu possa estar livre desta gente...”, pensou. – Ele acreditava que quando concluísse os seus estudos, aquele lugar ficaria esquecido no chão de sua memória sob uma pedra irremovível; as mulheres, que agora o ignoram, lhe teriam imenso apreço e todos invejariam o novo promotor-chefe do escritório... Mas, por ora, o tocante da realidade lhe conduzia a seguir para o cais, onde iria dividir uma velha barca com pessoas que considerava de casta inferior, – na sua maioria formada por operários, estivadores, coveiros e outros membros das classes menos favorecidas. Contudo, ao chegar às docas para embarcar, não teve a visão evidente dos habituais trabalhadores e capadócios desvalidos; a barca desta vez estava tomada por um grupo de idosos, três soldados e duas crianças cabisbaixas, e todos se mostraram completamente alheios a sua presença. O

3. *I am the living one. Was dead, but now I am alive...* – “Eu sou aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo...” Apocalipse (1:18).

silêncio era sepulcral e nem de longe lembrava aquela balbúrdia de injúrias e palavras torpes da habitual rotina..., até mesmo o condutor da embarcação, um jovem ruivo de baixa estatura, sorriso fácil e carente de dentes, que todos chamavam de *Laid*; e ao qual Eliot considerava uma figura asquerosa, insolente e bestial; este, ao contrário dos outros dias, seguia calado e com a feiura oculta por um capuz, e ainda aparentava estar mais quasímado que antes.

Um nevoeiro sombrio formava uma cortina cinza que cobria todo rio; e por conta disto, Eliot não conseguia avistar nada do outro lado, nem mesmo o brilho fraco das luzes da cidade. Isto era algo que o deixava ainda mais ansioso pelo desembarque... E num dado momento, o barqueiro se virou para Eliot e lhe estendeu a mão horrenda, como se estivesse a lhe cobrar a passagem; mas, este, ao palpar os bolsos do paletó, não encontrou sua carteira. “Maldito ladrão, furtou meu dinheiro.”, pensou ao se lembrar do mendigo. Meio aturdido, fez um gesto negativo para o barqueiro; que por sua vez não disse palavra alguma, apenas se aproximou e desferiu um preciso golpe com o remo na cabeça de Eliot, que imediatamente foi lançado nas águas turvas do rio...

– Por favor, alguém me ajude, eu não sei nadar! Clamava o rapaz se debatendo na água.

Todos na barca apenas se limitaram a observar o seu sofrimento.

– Não me deixe aqui, não me deixe morrer! Gritou desesperado.

– Se você conseguir... Sentenciou o barqueiro.

A Execução

Os passos pesados na escada de carvalho anunciam a chegada do algoz. Para a vítima restava apenas ser morta previamente, pelo pavor da iminência do sofrimento. O seu corpo débil fibrila por completo: treme de medo, sem mesmo ser mister ver a face do portador do mal... – O nó está preparado.

Sem dizer palavra alguma e com o rosto coberto por uma máscara amílica, o algoz conduz a vítima para a plataforma de abate, como se esta fosse apenas um objeto qualquer, sem valor, sem sentimentos... Tamanha a angústia causada, que era possível ouvir a certa distância a respiração ruidosa e descompassada da pobre vítima; que ante a figura bestial do carrasco tenta conter o desespero; mas, o cheiro acre do suor do monstro e seu hálito alcóolico, irrompem por suas narinas, trazendo-lhe à boca uma incontida ânsia de vômito, proveniente de inigualável asco... Esta atmosfera assombrosa fica ainda pior, quando nos instantes seguintes, tais sensações vão se misturar, em alquimia horrenda, aos soluços que antecedem o choro, – que logo flui num filete contínuo e luminoso... – A corda está no pescoço.

E ao fazer cair a espada de *Themis*, o algoz retumba um grotesco urro de êxtase, como que para cortejar o prazer que a lei lhe oferta. Por fim, se retira e vai lavar sua justiça em banho

breve de água pura... E deixa para trás, imersa num silêncio profundo, a desvalida vítima, com seu corpo oscilando mansamente de um lado para outro; seu olhar a fitar o nada, enquanto que sua alma permanece rota, por mais uma vez, por mais uma noite... – O cadafalso se abriu.

A Morte de Charlie

Encontrar nos arquivos da memória o começo exato de uma amizade espontânea e sincera é um processo deveras difícil. Por isso, não me recordo ao certo como e nem quando nos conhecemos, só sei que quando percebi, já dividíamos o apartamento. Existia entre nós uma harmonia natural e plena, apesar das imensas diferenças. Ele não era de dizer palavra alguma; contudo era um nobre ouvinte, pois algumas vezes eu falava como um insensato apresentador de TV; principalmente quando ficava indignado com alguma notícia do jornal, aí sim, testava ao extremo a insigne paciência daquele ativo Jô albino. Os discursos quase sempre eram longos e inflamados; algumas vezes ele gostava da temática, mas quando o assunto lhe era enfadonho, discretamente disfarçava e logo ia procurar o que comer.

A nossa coexistência poderia a princípio parecer a alguns um tanto quanto paradoxal, já que ele tinha por ofício o extermínio de insetos; enquanto que eu era um esforçado estudante das ciências agrárias, ambientais e biológicas e um ecologista convicto por convenção. E para tentar pugnar os argumentos dos frívolos, aplacava esta suposta incoerência existencial, alegando que Charlie era um relevante mediador do equilíbrio ecológico. Lembro-me também de certa

ocasião em que ele resolveu levar uma de suas namoradas lá pra casa, e temendo alguma represália de minha parte, tentou escondê-la no banheiro. Achei graça. Fingi não perceber o seu constrangimento e, comovido com a sua aflição, fui dar uma volta para lhe deixar mais à vontade; pois, não me restava outra coisa a fazer, senão agir como sempre atuava todas as vezes que sabia que eu estava na companhia de uma mulher. Boas lembranças... É pena que a derradeira lembrança que tenho dele, seja tão melancólica. Confesso que ainda não consigo esquecer a cena horrenda da qual meus olhos astigmáticos foram testemunhas estupefatas: seu corpo estirado no chão da cozinha em decúbito dorsal, olhar roto, pele desidratada pelo tempo e dilacerada pela ação voraz e eficaz das formigas. Recordo que me limitei a balbuciar de forma consternada: “Charlie está morto”.

Não vou me ater aos pormenores da *causa mortis*, leitor compreensivo; pois, não julgo relevante saber do que se morre e, sim, que apenas se morre. E mais relevante ainda é saber que a morte é triste; seja o morto um jovem como Charlie, ou velho como eu. A morte é triste, porque até então ignoramos por completo a essência de certa cor de júbilo que por ventura dela possa provir... Sendo assim, deixemos de lado o meio e passemos ao fim...

Não se passou muito tempo entre a descoberta do corpo e o enterro. Como não conhecia nenhum parente seu, e nem sei se de fato possuía algum, logo, eu seria o responsável legal

pelo funeral. – Era o mínimo que poderia fazer por Charlie. De início, fiquei na dúvida entre cremá-lo e sepultá-lo; optei pela última. Então, que a terra lhe seja leve; que descanse eternamente em paz à sombra da amendoeira e que Deus (se houver um deus para as lagartixas de parede) receba com todo carinho, este tão caro e nobre amigo.

A Pedra Amarela

Era uma vez uma pequena pedra amarela que habitava um planeta de órbita excêntrica e repleto de pedras azuis. A Lua era a mãe de todas as pedras. Era carinhosa e atenciosa com todas, sem distinção alguma. E sempre que a consternada pedrinha amarela lhe perguntava o porquê de ela ser tão diferente das outras, a Lua respondia calmamente em tom apaziguador: “Porque tu és o que há de surgir.” Aquela resposta soava como um enigma indecifrável e inútil para a confusa pedra, que já não suportava mais ser tão distinta das demais, que, verdade seja dita, não a rejeitavam por conta de sua coloração dessemelhante; mas mesmo assim, a pobre rocha vivia consterna por ser peculiar... Até que em uma bela noite, a mãe Lua reuniu todas as pedras e comunicou: “Minhas queridas pedras, já se passaram mil anos e, lamentavelmente, é chegada a hora da minha partida! É importante ressaltar que não há motivos para tristeza e nem choro; pois, vocês não serão abandonadas, ficarão sob a tutela rutilante do meu substituto.” Dito isto, a mãe Lua desapareceu no infinito do horizonte. Todas as pedras desobedeceram ao seu último pedido; pois, ficaram tristes e começaram a chorar. Neste instante um brilho intenso e uma leveza estranha começaram a tomar conta da pedra amarela. As outras pedras ficaram admiradas com o que estava acontecendo com a pedra

de coloração esquisita: Ela seguia a flutuar lentamente, até que de súbito, veloz como a luz, ascendeu aos céus e virou aquilo que fazia parte do seu destino ser: um imenso e magnífico Sol! No chão, todas as outras pedras ficaram surpresas com o que estava acontecendo e, ainda mais, quando foram metamorfoseadas em pedras amarelas pelos raios luminosos do novo Sol; exceto uma que permaneceu azul...

Apenas um Idílio

Eram companheiros de trabalho, nunca se viam durante o expediente, já que atuavam em setores distintos da fábrica; mas, sempre se cruzavam na hora da saída, ou na pausa para o composto de bicarbonato com grãos e carne bovina, que a empresa insistia em chamar de almoço. Como quase sempre acontece nos romances modernos, foi o rapaz quem primeiro despertou o interesse pelas coisas de Eros; – bastou apenas um olhar de âmagô mais profundo, combinado com um belo sorriso, observado em momento de fragilidade da alma, e pronto! Está consumada a derrota do ser... E assim se deu. É relevante ressaltar, que tal sentimento, a princípio se manifestava de maneira muito tímida, nada mais do que através de seu ar de admirado, que por vezes não era nem notado, ou se era, parecia ser muito bem disfarçado. Algum tempo se passou, até que certa vez, uma coragem homérica surgiu, e o motivou a tentar estabelecer uma conversa durante o intervalo do almoço. O primeiro diálogo não foi muito longo, nem tão pouco descontraído; mas serviu de ponte para outros, que foram progressivamente se tornando cada vez mais agradáveis para ambos. Contudo, faltava ainda galgar o último trecho da montanha do amor. E isto o levava a ficar durante horas estabelecendo um sangrento duelo no âmbito da sua consciência, entre o partido

da declaração do amor e o partido do silêncio do sentir. Foram árduas sessões, intensos e introspectivos debates, até que um dia, a emenda da declaração foi aprovada. E resoluto, ele partiu para executar a sua mais nova lei. Mas, para sua imensa tristeza, nesse dia ela não apareceu à hora do almoço; ficou sabendo por uma amiga, que ela se sentira mal e por conta disto, estava na enfermaria. Ele (como manda o manual dos corações apaixonados), obviamente, seguiu veloz para lá. Encontrou-a deitada em uma maca recebendo soro por acesso intravenoso. Ela esboçou um sorriso ao vê-lo, se queixou de febre, ânsia de vômito e uma terrível dor de cabeça. Ele a abraçou carinhosamente. Neste momento ambos foram envolvidos por um sentimento acolhedor e recíproco; ele não hesitou, e levado pela força do mar íntimo do seu nobre sentimento, delicadamente a beijou. Não é necessário, nem sei se é possível, descrever aqui a plenitude deste instante... Porém, um fato de certa relevância, era ignorado por ambos: aquele havia sido o segundo ósculo que ela recebera neste mesmo dia; pois, o primeiro já fora desferido no início da manhã pela vil meningite meningocócica. E assim os dois feneceram juntos para todo o sempre...

A Velha

Em mais uma daquelas tardes óbvias na rodoviária de Alagoinhas, vendedores frenéticos gritavam sem parar; pessoas formavam um cortejo estranho rumo ao portão de embarque; se sucediam recepções e despedidas calorosas à porta dos ônibus, – fazendo surgir lágrimas para celebrar a chegada de uns e anunciar a iminência da saudade provocada pela partida de outros...; já no estacionamento, taxistas discutiam em torno da mesa de dominó, e os que não participavam da disputa, estavam tentando, dissimuladamente, comprar favores de meninas desvalidas; e num canto mais afastado, alguns idosos faziam o balanço dos acontecimentos marcantes do dia anterior... Lembro-me que a notícia em voga naquela ocasião, era acerca do homicídio de um homem de meia idade, que fora encontrado amarrado na cama, sem roupas, com as orelhas arrancadas, bem como o pênis; sendo que este último fora colocado dentro de sua boca; quanto às orelhas, não foram encontradas. E só para elevar o teor macabro do crime, um bilhete escrito com o próprio sangue da vítima foi deixado pelo assassino sobre o criado-mudo, no qual se lia: “Falava demais, ouvia muito pouco.”, – isso segundo as informações de um dos senhores daquele excêntrico “noticiário” local...

Como aquela tagarelice mórbida da turma do fuxico estava me sendo bastante enfadonha, decidi mudar de banco. O meu primo, – não me lembro de ter contado antes, mas estava na companhia de um primo não muito chegado... – que a princípio não me acompanhou, mas em seguida foi se colocar ao meu lado, sempre em silêncio e com aquela expressão *snoibe*, que ditava as feições do seu rosto. Ele tentava, mesmo estando ainda na fase de estudante, adotar a boçalidade característica da sua futura profissão de médico... Em suma, era um parvo! Que só conseguia despertar em mim não mais que um curto sorriso de escárnio, ante a esta postura tão tola... Porém, não é necessário perdemos tempo com coisas ínfimas como *les parents terribles*⁴; por isso, sigamos à gestalt², e analisemos o todo para compreendermos as partes...

As coisas a minha volta estavam arranjadas em acontecimentos breves e de natureza peculiar, tais como: um jovem casal que resolvera discutir a relação na fila do guichê; um menino que tentava conter a vontade de chorar e assim ocultar da mãe a raladura que conseguira com uma peripécia trapezista no corrimão da rampa principal, – temendo a vã repressão dos adultos, que tentam combater o espírito traquina das crianças, sem saber que pertence a estas, e somente a elas, o insólito reino dos hematomas...; já a minha direita, um senhor limpava o nariz e depositava

4. *les parents terribles*¹ – “Os parentes terríveis”, traduzido do francês.

o produto de sua extração por entre os pelos da sua vasta barba; além de um ansioso mancebo branco, que trazia a face tomada por imensas espinhas vermelhas, que desta forma justificavam o seu estranho hábito de ficar passando a todo instante pela frente do banheiro feminino, obviamente à guisa de flagrar alguma dama desprovida de suas vestes, – puro efeito dos hormônios, meus caros... E por fim, num banco defronte ao nosso, uma senhora de ar tranquilo e de madeixas alvas como um punhado de sal, – era uma daquelas criaturas simpáticas que a gente fica com vontade de levar pra casa, para ser adotada como nossa *vó*..., ela saboreava calmamente uma porção de pipoca doce; seu olhar perdido me levou a crer que também refletia sobre a vida... E, ao notar que a observava me cumprimentou com um breve gesto de cabeça; que de pronto retribuí. Em seguida ela me ofereceu pipoca, que recusei agradecendo a gentileza.

Algum tempo se passou sem maiores acontecimentos, até que o casal em crise voltou a estabelecer uma nova contenda, desta vez com impropérios e ofensas ditas a pleno volume. Esta lamentável situação acabou por atrair a atenção de quase todos que estavam no saguão de embarque. E por arremate, o rapaz disse para a moça:

– Eu não preciso de você para nada! Desapareça da minha vida!

O embravecido rapaz saiu rapidamente e sem olhar para trás, deixando a pobre moça a enxugar o pranto, enquanto era consolada pela atendente do guichê.

A velha da pipoca acompanhou atentamente a confusão. E depois comentou comigo, com certo ar de indignação:

– Mas que sujeito grosso e mal educado!

– Extremamente. – Respondi.

A Senhora olhou ao redor, como se estivesse com receio que alguém escutasse o que iria dizer; e colocando uma das mãos em concha próxima a boca disse de maneira sussurrada:

– Se fosse comigo, eu matava.

– A senhora o quê? Afagava? Perguntei, pois não consegui compreender de imediato o que ela balbuciara.

– Matava. Repetiu ela secamente.

Fiquei meio que sem reação ante aquela afirmativa. Pois, como ainda não impetrava crer que aquele verbo de essência tão pesada tenha sido conjugado no pretérito imperfeito por tal pessoa. Só me restou deixar escapar um sorriso sem graça, na ausência de qualquer forma de argumento. Acho que ficou notório o meu breve desconforto, porque ela, ainda conservado um sorriso de desdém, ficou a me observar, e em seguida perguntou:

– Um vassalo como este merece outro fim?

Fiz uma cara de dúvida e dei de ombros.

– Pois saiba que não.

No instante seguinte ela se levantou calmamente e veio se sentar ao meu lado.

– Eu conheço muito bem esse tipo de traste; não mudam nunca.

– Acho que todo mundo pode mudar. Retorquir.
– Esse tipinho de gente não.
– Muda sim. Basta apenas que passe a enxergar os erros que comete.

– Enxergar? Nunca.
– Por quê?
– Porque seres como esse são cegos como as cobras, e tão venenosos quanto elas.

Neste dado momento, meu primo que até então se encontrava alheio ao diálogo, ouvindo música no seu celular, movido pela curiosidade, retirou os fones dos ouvidos e se pôs a escutar o que eu tanto debatia com aquela velhinha. Tentou disfarçar olhando para o lado oposto ao que estávamos sentados. Pura tática. Isso servira para apurar melhor sua audição; e assim pôde ouvir com clareza o que aquela senhora de aparência tão delicada passou a contar logo após:

– Meu jovem, pelo que pude notar, não concorda muito comigo.

– Que é isso, respeito muito a sua opinião.
– E se eu lhe disser que uma pessoa que ameaçou me bater terminou na cova, você acreditaria em mim?

– Sim... Respondi descabreado.

A essa altura o meu primo já não disfarçava mais; e deliberadamente se punha a escutar com extrema atenção cada detalhe da conversa.

– Posso lhe contar um caso?

– Pode.

– Estou exigindo muito da sua paciência? Se estiver pode falar.

– Não! De forma alguma. É sempre bom ouvir coisas.

A velhinha fez um gesto consentindo com a cabeça. E em seguida iniciou a sua breve anedota assim:

– Pois bem, muito tempo atrás, eu conheci um rapaz, que a principio me pareceu tão interessante, que não demorou muito, passou a ser meu namorado; depois de um longo período de namoro, decidimos juntar as tralhas, então alugamos uma casa e passamos a dividir o mesmo teto. Mas, com o passar do tempo, a relação foi sofrendo um intenso desgaste, muito por conta do ciúme extremamente doentio dele, que chegou a tal ponto, que queria me proibir de sair de casa. E se por ventura eu desobedecesse a sua ordem, puniria tal afronta com uma surra de cipó caboclo. Como nunca temi a homem nenhum nessa terra, não dei a mínima importância para o que ele falava. Contudo, num certo dia resolvi visitar uma amiga que morava próxima à igreja matriz da cidade onde eu morava. E lá passei horas conversando com esta amiga. E já havia escurecido há muito quando finalmente cheguei em casa. Como não poderia deixar de ser, ele estava no sofá escutando um disco do Raul Seixas, com a vitrola no volume máximo e com uma garrafa de aguardente na mão, que por sinal estava quase que completamente vazia. E foi assim que o encontrei: bêbado e transtornado, aguardando o meu regresso. Lembro-me que ele

segurou com muita força o meu braço, e disse que da próxima vez não seria tão generoso...

A velhinha interrompeu a narrativa ao avistar um ônibus que acabava de chegar na plataforma de embarque, para perguntar:

- Aquele é o seu ônibus, meu garoto?

- Não. Por favor, continue com a sua história.

- Sim..., onde eu estava mesmo?

- Na parte que você havia chegado à sua casa e o seu marido apertava com muita força o seu braço... Respondeu apressadamente meu primo, que agora já não podia se limitar ao posto de mero ouvinte.

- Isso mesmo! Concordou de imediato a velhinha. E sem perder muito tempo emendou a sequencia da narrativa:

- Ele disse que se eu voltasse a desobedecê-lo, me bateria tanto, mais tanto, que eu iria implorar por piedade. Ele costumava discutir comigo, brigas normais de casal, porém desta vez ele se excedeu bastante. Foi a primeira vez que o vi com tanto ódio no olhar, pensei que ele fosse dar cabo de mim ali mesmo. - Imagine o meu desespero... Tentei me desvencilhar, mas ele não permitia. Só depois de reclamar bastante, foi que ele, finalmente, soltou o meu braço. Aos prantos eu saí correndo em direção à cozinha, contudo, voltei rapidamente e com o rosto tomado por lágrimas, me pus a lhe pedir desculpas, jurei que nunca mais iria infligir uma ordem dada por ele... A princípio se mostrou um tanto resistente em aceitar as

minhas explicações; mas fiz uma voz jocosa e me lancei para abraçá-lo, ele deixou. E este foi seu último erro. Em seguida lhe dei um beijo – como Judas fez com Cristo – para ocultar o mal que viria a fazer: sem que ele percebesse, retirei uma faca, que havia pegado na cozinha e trazia comigo escondida, presa na minha saia; e ainda beijando-o deferir-lhe um golpe certeiro na barriga, bem na altura das costelas dele.

A velha fez um gesto com o punho direito cerrado sobre o abdômen dela, logo abaixo das últimas costelas, bem próximo ao término do esterno; para ilustrar melhor onde havia dado a facada. E a seguir acrescentou:

– Confesso que foi um tanto prazeroso, ver o desespero e a perplexidade saltando do seu olhar. O pobre só teve tempo de dizer: “Olha só o que você fez..., você me deu uma facada...”

Fiquei lá por um tempo, sentada numa cadeira, só observando a sua agonia... Ele sangrou até morrer. Como os porcos morrem.

Um breve, porém profundo, silêncio imperou. O meu primo ficou visivelmente aturdido; ora olhava para mim, ora olhava para a velha, depois voltava a me encarar, como se estivesse esperando que eu me manifestasse. Contudo, isso não foi necessário, pois a velha tratou de pugnar o silêncio:

– Ele teve o fim que mereceu.

E mirando o semblante do meu primo, perguntou quase que de maneira explicitamente retórica:

– Eu agi errado?

E como meu primo não sabia o que responder, apenas deprimiu o lábio inferior em sinal de dúvida, E a velhinha por fim arrematou:

- Quem espera tempo ruim, é quem paga para ver o pior acontecer... E como eu não eu não queria ver...

- E o corpo, o que fez com ele? Inquiriu meu primo, que já não conseguia esconder a sua imensa curiosidade.

A velhinha deu um sorriso de canto de boca e respondeu:

Essa foi a parte mais fácil, meu garoto. Foi só cortá-lo nas juntas e enterrar os seus pedaços no quintal numa cova improvisada...

- E o que você alegou quando notaram a falta dele? Qual foi o seu álibi? Insistiu o curioso.

- Bastou apenas dizer que o traste havia arranjado outra mulher e sumido pelo mundo a fora... Como ele não era muito bem querido pelos parentes, estes não iriam sentir muito a sua ausência.

O meu primo se levantou, conferiu a hora no relógio e em seguida informou que iria ao banheiro. Não demorou muito, ele retornou, só que pelo lado oposto pelo qual havia se retirado, dando a volta por de trás do banco onde estávamos sentados, de modo tal, que a velha da sua posição não poderia vê-lo, a menos que se virasse. Foi quando, o notei chamando minha atenção, acenando com uma das mãos. Logo após ele apontou na direção da velhinha, balançou negativamente a cabeça e em seguida ficou girando o dedo indicador próximo a

orelha. Feito isso, ele se dirigiu tranquilamente para se sentar ao meu lado, na maior naturalidade possível, como se nada fizesse... – Era um bom ator, isso eu tenho que admitir.

A velha voltou a mordiscar sua pipoca um tanto quanto reflexiva, como se estivesse a recordar de algo, até que parou de comer e comentou:

– Eh meu filhos, eu sou uma pessoa que não gosta de ser destrutada... Mas, quem é que gosta, não é verdade?

Fez uma pausa, jogou na boca mais um pouco de pipoca e depois começou a falar, ainda mastigando:

– De outra vez, um sujeito resolveu gritar comigo, foi a derradeira vez que ele gritou com alguém... Tapei a boca dele da pior forma possível! – E olha que eu tentei avisá-lo, para não se meter a besta comigo, mas ele não me escutou... E agora nem se ele quisesse, poderia me escutar, já não tem mais nem as o...

A velhinha interrompeu sua segunda história, pois o serviço de informação ao passageiro da rodoviária havia acabado de comunicar que o ônibus com destino à Aracaju acabara de chegar.

– Este é o meu ônibus, meninos. Foi um prazer conversar com vocês, são muito atenciosos. Até qualquer dia.

E a Senhora sai caminhado lentamente, com certa dificuldade, num passo meio manquitolante, rumo ao portão de embarque.

Não é mister dizer que ficamos por alguns instantes tentando refletir acerca daquele diálogo tão estranho. Ficamos

calados por um bom tempo; até que num dado momento, eu percebi que a pobre senhora havia esquecido uma das sacolas que carregava. Como era um pequeno embrulho de papel, julguei que fosse algum tipo lanche para viagem, ou coisa assim...

– Ela esqueceu a sacola. Comuniquei ao meu primo.

– Deve ser os medicamentos que ela faz uso controlado.

Disse secamente, analisando à distância o saco de papel.

– Será?

– Esta Senhora é louca! – Diagnosticou, de maneira imediata e conclusiva, o aspirante a psiquiatra.

– Vou atrás dela. Respondi já saindo.

Não perdi tempo e pus-me a sua procura. Cheguei a tentar localizá-la na plataforma de embarque, mas um dos funcionários do guarda-volumes me informou que o ônibus para Aracaju já havia partido. Voltei um tanto quanto desolado, por não ter conseguido encontrá-la.

– E aí, achou aquela maluca? Meu primo inquiriu rindo.

– Não. – Respondi ao me sentar.

E estendendo-me a mão o meu primo me disse:

– Passe-me o pacote.

– Mas pra quê? É só o lanche da coitada! – Retruquei.

– São medicamentos. E eu só quero saber quais são os psicofármacos que ela faz uso; pois aposto que são barbitúricos...

– E pra quê você quer isso?

– Ora, para ver qual é o princípio ativo, posologia, farmacocinética, farmacodinâmica, essas coisas...

Por fim, meio que a contragosto, resolvi entregar o pacote sem impor maior resistência; para que, o agora “especialista” em farmacologia, pudesse se deleitar com a morte de sua indiscrição equivocada. Porém, para surpresa de ambos, no interior do pacote não havia medicamento algum, muito menos qualquer tipo de refeição; apenas uma faca de cortar pão com a lâmina suja de sangue e duas orelhas humanas...

Gárgula

Das alturas do esquecimento, vejo o tempo: letal, silencioso e onipresente como a morte. Vejo também o temor, pois, antes de tudo, eu sou o temor, que estranhamente nasce na essência vã dos seres que temem...

Minha origem remete às trevas da idade média; surgi com o escopo de ser a sentinela dos homens de fé, contra toda e qualquer iniquidade. – E não posso deixar de ver nisto, a maior expressão do paradoxo: pois deveria guardá-los daquilo que originam; protegê-los deles mesmos...

E pensar que no epílogo desta farsa, eu – um mero guardião – fui convertido num insólito monstro, que assusta as crianças; habita as lendas; que outrora fora caçado e morto às margens do Sena e que aterrorizantemente vive nas torres de *Notre-Dame*... Eu sou a demonstração máxima do medo, que o medo é capaz de causar. Contudo, os parvos nem percebem que o pavor presente nas minhas feições horrendas e imóveis, nada mais são do que as marcas do que despertam na minha alma cativa. Eles me assustam. E quem me protege deles? E quem intercede por mim? “*Quis custodiet ipsos custodes?*”⁵ –

5. “*Quis custodiet ipsos custodes?*”¹ :- “Quem guardará os guardiões?”, frase do poeta romano Juvenal (entre 55 e 60 a 127 d.C.), traduzida do latim.

Creio que ninguém, neste vasto mundo... Sinto que é necessário fugir! – “Mas como, se estas asas não são capazes de alçar vôo, libertando-me deste pouso eterno sobre a balaustrada que aprisiona os meus pés...?” Assim, o acaso só me oferece o que me resta: ser a vil testemunha inerte que, com olhar petrificado, contemplará o semblante do fim...

O Mistério da Medalha

Um intrigante crime agita uma pequena cidade no sertão de Sergipe. Misteriosamente, furtaram a medalha de ouro de São Teotônio, que segundo a crença local, fora trazido do mosteiro de Santa Cruz por jesuítas portugueses, ainda no início do séc. XIX... E que desde então adornava a imagem do padroeiro da cidade. Devido à gravidade e a grande repercussão do caso, a polícia iniciou as investigações ainda na manhã do sumiço, assim que o padre comunicou o furto. E foi com base no relato do pároco, que as autoridades locais conduziram até a delegacia, para que prestassem esclarecimentos, os principais suspeitos de terem cometido o delito: um mímico, uma menina – suposta filha do artista – e seu cachorro de estimação (detido no canil); pois, segundo o inquérito, foram os únicos, além do abade, que estiveram na igreja naquela fatídica manhã. E o desenrolar dos relatos podem ser apreciados nas breves e quasímodas linhas que, doravante, assim se seguem:

A Menina

Diante da representante do conselho tutelar, a menina relatou:

– Ele é um bom pai: nunca me maltrata, não me obriga

a fazer nada, sempre que quer alguma coisa ele me pede com jeitinho, nunca fica bravo quando deixo de fazer ou faço coisa errada; sempre que dá atende aos meus pedidos; quando pode me leva nas suas viagens e ainda me dá dinheiro para comprar doces. Gosto dele. Ele é uma pessoa muito boa, fica fazendo eu dá risada quanto estou triste, faz cócegas na minha barriga e fica imitando o urso da neve, que gosta de morder pé de criança... Ele é bem legal. Por isso, não deixe que façam mal pra ele, moça; porque nem eu, nem ele saímos da igreja com aquele negócio que vocês tão procurando... Isso a gente não fez não...

O Mímico

Diante do delegado, um homem que geralmente poupa as palavras, se pôs a falar:

– Sou um artista de rua, meu caro Senhor, por isso vivo vagando de cidade em cidade ganhando a vida. Mas o fato de não possuir residência fixa não quer dizer que eu seja um marginal, não é mesmo? Então, vamos tentar esclarecer as coisas: como é comum, sempre que chego a alguma cidade, procuro a praça principal para fazer as minhas apresentações, e era justamente isso que fazia hoje pela manhã. Contudo, começou a chover forte e resolvemos procurar um local para nos abrigarmos, foi quando minha filha me mostrou que a porta da igreja estava aberta, por isso seguimos para lá. Uma vez dentro do templo me pus a rezar, pois como sou católico batizado, era a

atitude mais correta a ser adotada. Poucos instantes depois o padre veio ter conosco; pedi-lhe a benção, que foi prontamente dada. Lembro-me que conversamos brevemente, até que num dado momento lhe perguntei se naquele dia ele estava recebendo confissões; ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e me indicou o confessionário. Segui para lá, levando minha filha comigo. A sessão não demorou muito, ao término pus a coleira no meu cachorro, peguei na mão de minha filha e o padre nos acompanhou até a porta. Logo em seguida retornamos para a praça, pois a chuva já havia cessado... Foi tudo o que aconteceu. – Mas, como posso ver no seu semblante, ainda não está convencido. Bem, já que insiste em acreditar mesmo que nós saímos da igreja com a bendita medalhinha, eu lhe pergunto como isso é possível, se não encontraram absolutamente nada nas nossas coisas? E que espécie de gatuno é esse, que após cometer um crime ficaria dando bandeira se apresentando na frente do local que acabara de roubar? Seria um gesto no mínimo inconsequente – pra não dizer pouco inteligente, para alguém que arquitetara tão intrigante roubo... No mais, só posso afirmar que nem eu, nem minha filha saímos da igreja com a referida medalha. E do resto... (fez uma mímica de dúvida).

O Cachorro

No canil municipal, introspectivo, o cão refletia:

“E eis me aqui, de regresso ao cárcere...; nada mais

justo, nada mais breve. E eu fico a me perguntar como eles estão se saindo no depoimento; – dissimulados que são, creio que devem estar fazendo um discurso breve, porém extremamente persuasivo; assim, sem demora serão liberados e virão me buscar. Eles possuem mesmo o dom do convencimento, admiro-os por isso. E pensar que o quebra-cabeça que a polícia tenta montar, fora de tão simples execução; pois nada foi friamente calculado, apenas encaixaram as peças certas, nos momentos certos...

Lembro-me como agora: entramos na igreja para passar a chuva e logo avistamos no altar mor, uma pomposa imagem com uma medalhinha dependurada; foi aí, que o mestre do gesto logo despertou interesse pela peça, e em seguida se pôs a rezar, a menina o acompanhou na farsa. Não demorou muito e o padre se aproximou, mas não notou que eu, *persona non grata* em igrejas, estava deitado sob o longo banco de madeira. Daí veio a sacada de mestre: como ele já notara onde ficava o confessionário, foi só distrair o padre com uma conversa fiada, e com um discreto chute empurrar um dos seus chinelos na direção da entrada da sala de confissão; pois sabia que eu não posso ver um chinelo solitário, que vou atrás para mordê-lo – coisas de cachorro...; em seguida ficou de pé para impedir que o religioso visse minha movimentação; agora era só esperar o desenrolar da jogada, que se concluiu quando o padre, ao se deparar comigo à porta de sua saleta, estancou com temor – e todo mundo sabe do medo que os padres sentem dos *Canis*

familiares, e foi justamente esse instante de hesitação, entre encarar ou correr, que permitiu o furto. Como o guardião se encontrava de costas para o *altar mor*, o grande enxadrista partiu para acabar com a partida, bastou apenas, num gesto rápido, colocar a menina sobre os ombros, que esta se encarregou de delicadamente retirar a medalha do santo, e em pouco menos de vinte segundos já estavam sentados no confessionário aguardando o beato...

– Eh, tenho que admitir, eles são muito bons! Contudo, restava esconder o objeto que motivou o crime. E essa foi ainda melhor: eles pegaram a medalha; mas não saíram de lá com ela. Um *grand finale* muito simples e insolitamente genial, pois nada mais comum do que uma coleira de cachorro ornada com uma medalhinha dourada... – Xeque. Xeque-mate!”

O Outro

{uma fábula ornitológica}

Um desolado pátio de um antigo ferro-velho serviu de palco para um excêntrico e decisivo encontro, assim como o *Monte Horeb* outrora serviu. Em meio aquele ermo universo de metais distorcidos e vidros de natureza disforme, cuja estranha beleza surreal escapa facilmente aos olhos despreparados e que escapara também aos do meu caro Dali... Eis que surge, neste estranho mundo de coisas que um dia já foram alguma coisa, um esplendoroso ser: um bem-te-vi. Com sua exuberante plumagem, onde as cores se confundem em uma aquarela peculiar (que os ornitólogos perdoem a minha reles definição de cor...): quase-verde; quase-preto; quase-amarelo; quase-branco e quase tudo isso desconexadamente misturado.

E lá estava ele, galgando ágil por entre os obstáculos deste cemitério de objetos. Trazia preso ao bico, alguns gravetos; imprescindíveis para uma avançada obra de engenharia entre o poste e o transformador: um ninho. Seguia distraído na sua busca por materiais de construção, até que ao pousar na porta de uma caminhonete senil, estancou de súbito:

outro bem-te-vi surgira à sua frente! Ficou atônito, diante da figura daquele “invasor”..., e com ar de dúvida, pôs a se perguntar como aquilo era possível, já que havia expulsado todos os machos daquela região para conquistar sua fêmea.

Um feixe de emoções diversas e confusas percorreu sua alma; não é necessário dizer que sentia medo também. Porém, sua consciência (nada prepotente) se recusava a aceitar a existência de tal sentimento inferior; fazendo-o pensar que era muito mais forte e, logo, não havia o que temer.

Depois do breve abalo sísmico nas entranhas abissais do seu ser; emergiu do absorto e recobrou a lucidez. Fitou o outro, que para sua imensa surpresa, igualmente o encarava; não se deixou abalar, e em seguida realizou uma sequência de movimentos rápidos com as asas abertas, para tentar intimidar o outro; só que não veio a surtir efeito algum e, o que é pior, seu rival adotara a mesma tática da envergadura... A sensatez fizera com que cessasse sua primeira tentativa pouco persuasiva. Ficou por um instante analisando seu oponente: era robusto, possuía plumagem ligeiramente fosca, asas grandes e fortes como as suas, e também trazia gravetos presos ao bico; fato este que lhe deixou imensamente revoltado, talvez pelo caráter de concorrência. Concluiu que afugentar aquele sujeito seria uma tarefa deveras difícil e extremamente necessária. Por fim, decidiu em expulsar o invasor à força mesmo, seguindo sem saber a velha máxima do ilustre fugitivo da Ilha de Elba: “*Ou nous abattons*

l'autre ou l'autre nous abat"⁶. E com essa perspectiva algoz, o seu escopo era o de conquistar a honra e a glória que a vitória proporciona, e, como troféu simbólico, ainda herdaria os gravetos do derrotado.

Sem hesitar, o impetuoso bem-te-vi partiu para pugnar seu inimigo com um rasante de curta distância. O impacto foi tão violento que ambos recuaram e deixaram cair seus respectivos gravetos. A sensação experimentada foi análoga a uma batida frontal contra uma parede de concreto. Contudo, isso não foi suficiente para intimidar o destemido pássaro, que redobrou a força de ataque, obtendo como resposta um contragolpe à altura. “Este sujeito é duro como uma árvore!”, constatou.

O seu temor, que a pouco não existia, surgira e não parava de aumentar. Isso só serviu para potencializar a sua determinação de vencer. Então, empreendeu uma série de ataques curtos e contínuos de tal intensidade, que quase ficou exaurido de toda e qualquer força. Mas, para seu breve consolo o outro também apresentava sinais de cansaço, pois os seus contra-ataques já não eram tão potentes.

Ofegante (com o bico aberto), refém de uma fadiga colossal e com olhos bem dilatados, o bem-te-vi ficou a contemplar seu adversário. “Que ser persistente..., por que resistes

6. “*Ou nous abattons l'autre ou l'autre nous abat*”¹ – “Ou abatemos o outro, ou o outro nos abate.” Traduzido do francês

tanto? Ou melhor, em prol de quê lutas assim?”, confuso, divagava o aturdido pássaro, que em seguida acrescentou à sua não linear linha de pensamento: “Não posso me dar por vencido, não posso me dar por vencido...” Passando, incessantemente, a repetir isto de si para si, como se fosse uma espécie de mantra para renovação das forças.

Um breve momento de certa coloração onírica se passou; até que, regressando à realidade que se mostrava insólita, decidiu, mais que resoluto, em acabar com tudo aquilo de uma vez por todas! E movido por um misto de ira e medo, reuniu o resquício de energia que ainda detinha e se lançou colérico contra seu inimigo...

A colisão gerou um grande barulho que desintegrou o silêncio; foi como se algo acabasse de se estilhaçar em vários pedaços. O bem-te-vi ficou desorientado com o impacto e por um instante perdera o outro de vista. “Venci!”, pensou, ao observar à sua volta... Mas, logo abaixo de onde ocorrera o duelo, alguns pedaços reluzentes chamaram sua atenção. De imediato desceu até o solo e ficou estupefato! O outro ressurgira dividido em vários outros! Era possível ver sua imagem dentro de cada pedaço reluzente... “É impossível vencê-lo!”, gritou para sua alma o pobre bem-te-vi que, assustado, alçou vôo para o infinito azul do céu; enquanto que o outro (acompanhado pelos outros) mergulhou para um céu azul e infinito dentro do chão.

O Rio

E um passo em falso o levou à queda, e esta por sua vez, o lançou nas águas profundas e negras do rio. De súbito surgiu um desespero pleno, traduzido em movimentos convulsos e na alternância sôfrega entre a emersão, que lhe trazia o ar, e a imersão que o roubava. “Preciso nadar”, pensou. “Mas, eu não sei...”, constatou consternado.

O seu olhar aflito fitava as árvores baixas da beira, como se estas fossem um farol que apontava para o cais de uma nova chance... E eis que, no paroxismo da impossibilidade, avistou a esperança: um homem que passava pela margem esquerda do rio. E foi tomado pelo ímpeto dessa perspectiva de salvação, que ele gritou o quanto pôde; clamando pela ajuda daquele desconhecido... Mas, o seu imenso esforço fora em vão. A água invadiu seus pulmões expulsando sua alma para fora; expirou e lentamente afundou no âmago daquela escuridão...

Enquanto isso, caminhando devagar na margem esquerda do rio, ignorando por completo qualquer forma de sofrimento alheio, seguia o homem absorto em si: um prisioneiro eterno no silêncio profundo de sua surdez...

O Segredo do Gato

E as notícias que chegavam lá da admirável e tranquila cidadezinha de Palmeiras, localizada no coração da Chapada Diamantina na Bahia, falavam acerca de um estranho acontecimento que agitara a todos. O fato se passava com um belo gato siamês, que de uma hora para outra passou a frequentar assiduamente as missas na igreja do Bom Jesus. Mas, ele não se limitava a só estar presente nesta respeitosa solenidade religiosa, pois segundo relatos dos fieis, ele se colocava perante o altar e ficava miando durante os sermões, como se estivesse acompanhando o pároco na arenga; isso quando ele não dava um *revertério* e resolvia ficar ronronando e passando as suas unhas de corte apurado na parede do altar mor...

E não demorou muito, para que a fama do gato se espalhasse por toda região. Com isso, começaram a surgir caravanas de outras cidades, trazendo um grande número de pessoas, curiosas para ver de perto o afamado “gato que reza”... E nesse meio termo, várias lendas caíram no imaginário popular, para tentar justificar o estranho comportamento daquele bichane: tinha uma teoria que dizia que o gato fazia aquilo para tentar reparar um grave pecado; outra atribuía aquele comportamento peculiar à intervenção da graça do Espírito Santo; sugeriram também, que seria um milagre realizado por

um falecido beato, que dedicou sua vida à paróquia... Entretanto, existiam outras pessoas que achavam que o felino agia daquela forma por sentir a mais profunda e plena saudade, pois, como disseram alguns, aquele gato havia sido adotado por um sujeito conhecido como Zé da Prata, – que tinha esse apelido *sui generis* por possuir um dente postiço de prata, que era um conhecido pedreiro da cidade, e que trabalhou na época da última reforma da igreja matriz. E foi justamente durante as obras, que ele havia tomado pra si os cuidados com o pobre gatinho, depois de tê-lo encontrado a caminho do trabalho, perambulando, perdido e com fome, pela praça central. Contudo, o benevolente rapaz, virou o juízo por causa de uma dama desconhecida e acabou fugindo para Salvador, segundo uma carta que deixara, antes de partir atrás desta irresistível mulher..., – pelo menos foi o que contou Seu Valter, o mestre de obras que era responsável pela reforma da paróquia, e que foi uma das últimas pessoas a ver o Zé da Prata por aquelas bandas, antes deste sumir pelos caminhos labirínticos deste imenso mundo...

Contam que depois da fuga do dono, o gato ficou uma longa temporada desaparecido, até que ressurgiu há três meses e desde então vem sendo uma presença marcante tanto na igreja, quanto nas rodas de conversa da cidade a fora, para a alegria de muitos e para tristeza de alguns poucos cristãos, que são alérgicos a pelo de gato ou são por demais supersticiosos para com os herdeiros de Bastet...

O Padre Eugênio a princípio ficou com um pé atrás quanto à presença do felino, mas com o aumento repentino no número de fiéis e de doações para igreja, o bom religioso acabou se acostumando com a presença do animal... Por fim, a única coisa que ainda lhe causava certo incômodo, era o fato de que o gato, com suas unhas delicadas, estava comprometendo a pintura do altar; e isto exigiria uma nova reforma. O que não tardou muito, pois como havia a necessidade de se fazer reparos no teto, por conta da última estação de chuvas, o pároco achou melhor aproveitar o ensejo e renovar as cores das paredes também. E assim foi feito. Dois funcionários foram contratados para executarem o serviço.

As obras seguiam dentro da normalidade, até que Tião, que era o ajudante da obra, veio em pleno desespero bater à porta da sacristia chamando pelo padre:

– Padre Eugênio! Padre Eugênio!

No interior da sala, o religioso interrompe sobressaltado as suas preces, para saber o que se passava lá fora:

– O que houve meu filho?

E tentando conter o nervosismo e a gagueira que dele provinha, o operário tentou explicar:

– Foi... Foi lá no altar...

O Padre notando o imenso desespero do rapaz resolveu interceder:

– Por Deus, homem, respire fundo, você está pálido, meu jovem... Acalme-se e conte-me o que aconteceu.

E atendendo ao pedido, o rapaz começou a relatar o ocorrido:

– Como o Senhor havia nos pedido antes, estávamos trabalhando no reparo da pintura que o gato havia estragado na base do altar, mas só que quando comecei a passar a lixa no local, o reboco apresentou um trinco, contudo decidir dar uma batida de leve com o cabo do martelo para verificar o estado da parede, mas com isso parte dela acabou cedendo e um buraco se abriu. Daí eu chamei o Seu Agenor para lhe mostrar o que havia acontecido; e um pouco depois, pudemos notar que existia um compartimento por de trás daquela parede. Então, quando nos aproximamos para olhar o que havia dentro daquele espaço, foi aí que nós encontramos um...

O pedreiro interrompeu por um instante a fala, ainda abalado com o que vira; entretanto, em seguida concluiu:

– Foi aí que achamos um corpo.

– Um corpo? Indagou o Padre.

– Sim, Senhor.

– Mas como isso é possível?!

– Alguém o colocou lá.

– Não faz sentido... Disse de forma relutante o pároco.

– Acho que tentaram esconder... Afirmou o pedreiro, que ainda demonstrava no semblante certa apreensão.

E fechando rapidamente a porta atrás de si, o Padre Eugênio disse:

– Vamos para lá!

– Tá certo. Concordou o rapaz.

Seguiram com relativa pressa, por um corredor discretamente iluminado com velas, que levava até o saguão principal da igreja, onde ficava o altar. E ao chegarem, foram recebidos por Seu Agenor, que também se mostrava bastante agitado. E com um notório tremor na voz, falou:

– O corpo é de um homem!

– Como tu sabes? Inquiriu o Padre Eugênio.

– Veja, por causa das roupas que estão no corpo; são trajes de homem.

E coçando levemente a têmpora esquerda, o religioso com expressão reflexiva pensou em voz alta:

– Mas quem será este homem...?

– Boa pergunta Padre, boa pergunta. Concluiu seu Agenor.

E assim, um breve momento se passou, até que a polícia civil foi chamada para dar início às investigações, bem como os peritos da polícia técnica de Lençóis compareceram ao local para realizar a retirada do corpo e, assim, tentar proceder com o processo de levantamento cadavérico.

– Não se preocupe Padre Eugênio; pois faremos o possível para tentar elucidar este caso. Disse o corpulento delegado Abdias, segurando um palito de dente, completamente mordiscado, no cato da boca.

– Sim, é relevante descobrir como ele veio parar aqui.

– Certamente, entretanto, creio que seja mais importante saber quem o colocou lá. Afirmou de forma austera o delegado.

Depois de menos de uma semana após a descoberta do corpo o delegado foi até a igreja ter com o padre.

– Bom dia, Padre, por favor, queira ter a bondade de me acompanhar até a delegacia, pois já temos o nosso homem!

– Já descobriram?! Inquiriu surpreso.

– Sim. Descobrimos o nome do morto e quem o matou. Arrematou com certa pompa na fala, o delegado.

E após poucos passos pelas ruas de pedras seculares, chegaram ao prédio de arquitetura colonial onde está sediada a delegacia municipal. E ao entrarem seguiram por um breve ginete, até adentrarem na segunda porta à esquerda.

– Por favor, sente-se. Pediu polidamente o delegado arrastando uma cadeira na direção do padre.

– Muito obrigado.

– Aguarde um instante, que eu vou a carceragem buscá-lo. Disse o delegado saindo da sala.

Não demorou muito e um homem algemado irrompeu pela sala sendo conduzido com firmeza por um guarda. E ao ver o rosto do preso o padre deixou escapar uma expressão de espanto:

– Você?!

– Sim, Padre. Ele mesmo interrompeu o delegado que entrava logo em seguida.

– Se ele é o assassino, então quem era o morto?

– Calma, meu caro Senhor, que depois do início ao fim saberá.

E caminhando lentamente de um lado para outro da sala, o delegado iniciou seu preciso relato.

– Este caso que no começo se mostrava tão intrigante, mas após uma qualificada análise dos elementos que compunham os autos, se revelou de fácil e lógica resolução. Que começou a se desenhar, assim que chegou o resultado do IML, onde ficou constatado que o homem havia sido morto com um poderoso golpe na cabeça, que acabou provocando um afundamento do crânio na região occipital. Além do exame da arcada dentária que apresentou um componente decisivo para identificação do corpo. Em seguida, tendo em mãos a curta lista de nomes das pessoas que tiveram acesso frequente ao local nos últimos 12 meses, – lista essa que o Senhor mesmo me concedera, Padre. Bom, e foi depois de ouvir alguns depoimentos, que chegamos ao autor.

Fez uma breve pausa e retomou o raciocínio.

– Não tive muita dificuldade em constatar que havia sido ele; pois o tremor que o acometeu ao saber do motivo da intimação, somado a este, o seu olhar furtivo todas as vezes que me referia ao morto pelo nome, estava explícito, era ele. Bastou apenas arquitetar o diálogo de modo a levá-lo a entrar em contradição. E assim ocorreu. E como os argumentos que expunha já não o ajudavam, desistiu. E por fim, assumiu a culpa. Falta apenas saber a motivação do crime. E como quase sempre acontece nestes tipos de delito, o motivo foi o mesmo, aquilo que corrompe os homens, o necessário e deletério dinheiro! Ele devia certa quantia à vítima, e depois de discutirem por conta

disto, aproveitando a distração da mesma, – e de maneira covarde, desferiu um preciso golpe de marreta em sua nuca. Em seguida escondeu o corpo naquele compartimento, jogou cal sobre o cadáver para impedir que o odor revelasse o esconderijo. Então, foi só fechar com uma discreta camada de cimento a lura improvisada. Por tudo isso, que acabo de relatar, é que o Sr. Valter dos Santos está sendo acusado por homicídio qualificado e ocultação do cadáver, do Sr. José da Anunciação Gomes, conhecido pelo epíteto de “Zé da Prata”. E pensar que o acusado chegou mesmo a achar que ficaria impune; mas, com a descoberta do corpo, que apresentava um componente peculiar, que era o dente de prata, o quebra-cabeça começou a se montar. E no final a verdade veio à tona e, assim como Perseu fizera com a medusa, a justiça pugnou o mal. Concluiu solene o delegado.

Depois de algum tempo, os comentários acerca do chocante crime cessaram. O altar foi finalmente reformado; as missas voltaram a ser celebradas com a mesma fleuma de antes e tudo retornava a ser como era: envolto pela aquela atmosfera tranquila que é tão característica do lugar. E quanto ao gato, esse nunca mais fora visto na igreja, chegou mesmo a sumir por um determinado período. Algumas pessoas sugeriram que estivesse morto... Entretanto, surgiram rumores, afirmando que ele era avistado com certa frequência nas imediações do cemitério municipal, no qual hoje o seu velho amigo Zé da Prata descansa em sua derradeira morada.

Silêncio dos Ímpios

Era mais uma daquelas tardes em que Zéfiro se esconde e Hélios potencializa o sol, fazendo-o presente em toda sua plenitude... Assim diria algum helenista desocupado e sensato. Outros chegariam a atribuir ao sol à capacidade de provocar um devaneio coletivo... Já os apocalípticos, sem qualquer domínio astronômico, afirmariam que o sol está se aproximando cada vez mais da terra... Bom, em suma, era uma tarde quente em algum lugar no interior de Minas...; mas, não se pode esperar outro clima em uma tarde de Dezembro abaixo da linha do equador, não é mesmo?

Porém, a rutilância acentuada do astro rei não foi suficiente para intimidar o Coronel Veridiano, que saiu com seu burro, recém-comprado na Bahia, para percorrer toda sua fazenda. Estava à guisa de observar como os seus empregados se comportavam longe dos seus olhos. Fazia jus ao que certa vez afirmou para sua mulher: “Não posso desperdiçar o meu sagrado dinheiro com vagabundos! A preguiça deve passar longe desta propriedade!” – O longe deve ser um lugar escondido dentro da sua rede...

Acho que ele se esqueceu de mencionar... Mas, por outro lado, não se esqueceu de acrescentar ao seu desejo de ergastenia alheia: “Aqui só há lugar para o trabalho duro!”

Ao final da tarde, já havia visto quase todos os funcionários; exceto um, que era conhecido pelo vulgo de “Galego”, mesmo sem ter nascido na Galiza...

O Coronel estava ansioso por encontrá-lo. Interrogou três empregados, que estavam capinando na plantação de mandioca. Um deles, esforçando-se para não gaguejar, informou ao coronel:

– O Galego? Passou por aqui mais cedo... Tava indo lá pras bandas do riacho, pra mói de pegar lenha pro forno da casa de farinha.

O Coronel, como manda a etiqueta dos tolos, nem agradeceu a informação e, sem perder tempo, tocou a mula, quer dizer, o burro para lá. No caminho, avistou ao longe uma carroça em alta velocidade, vindo em sua direção...

Era Galego. O funcionário estava a assobiar tranquilamente uma moda de viola, quando avistou o patrão, engasgou um silvo, deu uma puxada abrupta no seu freio de corda; tão brusca foi a freada, que o burro tropeçou e quase deu de cara no chão!

– Tarde coroné! Disse de maneira ofegante e anelante, o pobre homem.

– Tarde. Respondeu secamente o coronel, dando a volta com o seu burro, para seguir na mesma direção da carroça. E em seguida, perguntou:

– Que carreira é essa Galego?

– Eh... Pra dá conta do serviço.

O coronel fez uma cara de satisfeito. Mas, mesmo assim fez outra pergunta um pouco mais incomoda:

- E quis lapiadas são essas no lombo do burro?

Galego meio aturdido com a pergunta olhou para o dorso do animal, e argumentou coçando o juízo:

- Ah! Esses relatos? Foi do reio. É que o bicho empacou... Tava fazendo corpo mole; aí eu tive que bater nele... Pra mói de não atrasar o trabalho!

- Bom, é de funcionários assim, preocupados em cumprir os horários, que a gente precisa por aqui. Disse o Coronel, que quase deixou escapar um sorriso da cara de carranca.

Os dois homens seguiam conversando tranquilamente no caminho de volta para a sede da fazenda; e não se deram conta que, paralelo aquele diálogo, acontecia outro no mínimo insólito, pra não dizer escalafóbético! E a excêntrica conversa se iniciou mais ou menos assim:

- Não chores - disse o burro do Coronel para o seu irmão de raça.

- Como posso? Tá doendo muito. O meu dorso está praticamente esfolado!

- Eh, ele te machucou bastante, você está sangrando muito. Mas, não se esqueça de esfregar seu corpo nos galhos mais baixos da aroeira; pois as folhas desta anacardiácea ajudam a mitigar as feridas.

O burro do coronel disse isto com certa bossa nosológica, com um ar satisfeito, como se fora um verdadeiro

Hipócrates de quatro patas, ou talvez, quem sabe, uma me-tempsicose do Goethe...

– O meu desejo – retorquiu o outro – não é curar as feridas, e sim provocá-las no meu algoz!

O burro do Coronel deu um suspiro abrupto em sinal de reprovação, e exclamou:

– Tire essas ideias néscias da cabeça! Nós apanhamos porque merecemos!

– Ninguém merece sofrer assim e, o que é pior, não poder dar o troco!

Berrou o burro da carroça, que agora, além do corpo, trazia também o orgulho ferido.

Sem perceber que ofendia o outro, o burro do coronel ainda arrematou:

– Vejo que o ínclito amigo não é dado à introspecção e que está preso no vórtice da ignorância... Já que desconhece completamente o sentido universal da vida dos burros!

– “Sentido universal da vida dos burros?” – Repetiu debilmente o burro da carroça com ar confuso, como se o que acabara de ouvir tivesse sido pronunciado em outro idioma.

– Sim! Ou você acha que sofremos assim sem ter um por que, sem ter uma razão...?! Nossas vidas só fazem sentido porque sofremos! Justamente pelo fato de sermos animais superiores.

O outro burro ficou em silêncio, como se estivesse a refletir; e logo em seguida argumentou:

– Qual sentido? Não vejo sentido algum em sofrer... E como assim superiores?! Se realmente fossemos seres superiores, não apanharíamos, e sim, bateríamos!

O outro burro riu; e ainda conservando o sorriso, respondeu calmamente:

– Somos extremamente superiores aos homens! – Dito estas palavras, o seu semblante se tornou mais sereno e imponente. Logo em seguida perguntou ao outro:

– Quando este pobre e inepto homem que carrega lhe bate com o chicote, qual o artifício que ele lança mão?

– A força! Muita força! Respondeu o burro da carroça sem titubear.

– Vês caro amigo, a prova concreta de que pertencemos a uma raça mais nobre. Pois o uso da força é o principal recurso dos fracos!

– “A força é o recurso dos fracos” – Repetia de si para si o burro da carroça; agora ainda mais confuso, como se aquelas palavras fossem dissonantes e desconexas.

– Não se preocupe, vou lhe explicar a verdade universal dos burros! Falou o asno do coronel, como se tentasse resgatar o amigo, mostrando-lhe o caminho para sair do absorto mar das dúvidas; outrossim, a um farol que guia um navio numa manhã de nevoeiro denso...

– Vamos à origem das coisas... – Sentenciou o burro do coronel. – Neste instante, confesso leitor amigo, que por um momento achei que o burro fosse tirar uma Sagrada Escritura

em hebraico, um Talmude empoeirado, ou coisa que o valha, da sua estampilha, mas, deixa pra lá a nuvem cinza das ideias preconcebidas e voltemos à história... – O burro respirou fundo, suspirou e em seguida olhou para o céu; com um olhar melancólico e nostálgico, que provavelmente as lembranças lhe causavam...?! – a – Não! Pois na verdade se tratavam de lembranças de um passado que ele não viveu...

– Em outrora – começou, com voz grave, a anedota – nós, os burros, habitávamos outro lugar, muito, muito distante daqui... E, para nossa completa felicidade, lá não apanhámos, meu caro.

– Este lugar fica lá pras bandas do norte, em Portugal, não é? – Perguntou ansioso o burro da carroça.

– Não! O lugar ao qual me refiro não compartilha o mesmo sol que nos lixivia os olhos. Pra ser sincero, este lugar ficava muito além do que podes imaginar... E hoje, faz parte da poeira cósmica que vaga eternamente através do universo...

O eloquente burro interrompeu brevemente a narração; pois sua voz começava a embargar e um tênue filete de lágrima corria-lhe pela face... Em seguida recuperou o ânimo e continuou:

– Lá, nos dedicávamos ao estudo da matemática; da física; da química; da astronomia, da teologia; além de possuímos grande predileção intelectual para a arte e a filosofia! Vivíamos em harmonia entre nós, e com os outros animais: galinhas, porcos, vacas e os cavalos. Era um ambiente de extrema

harmonia. Porém, alguns poucos de nossos companheiros de prado, não estavam satisfeitos com a paz e, principalmente, com a igualdade de direitos entre as espécies. Por isso, movidos pela ganância, marcharam lentamente rumo a uma miragem chamada poder... – Estúpidos sandeus! Não se pode haver supremacia entre iguais!

Estas últimas palavras soaram em tom de desabafo; logo depois, recuperou a calma e prosseguiu:

– O nosso povo foi pouco a pouco sendo eivado pelo vil espírito maligno! E passamos a adotar como bandeiras: a inveja e o ódio! Principalmente em relação aos cavalos, que igualmente nos odiavam.

O tempo foi passando, e o clima de hostilidade só aumentava. Até que os cavalos decretaram que as terras do norte, que em sua maior parte era habitada por burros, passaria a ser um território exclusivo dos “nobres”, como os cavalos passaram a se intitular. Sendo assim, expulsaram os burros que ali viviam; e os que tentaram voltar..., foram mortos!

E este foi o estopim, que desencadeou uma sangrenta e vergonhosa guerra entre quadrúpedes. Foram longos anos de batalhas entre os burros e os cavalos, e os cavalos se sagraram vencedores... – se é que há vencedores em uma guerra... – e deu-se início a era da escravidão. A princípio, os primeiros a serem privados da liberdade, foram as galinhas, depois os porcos, e em seguida as vacas, que mesmo tendo adotado uma postura neutra no conflito, tiveram que

aceitar o domínio, e se submeteram aos “nobres” opressores, com pena capital para quem desobedecesse ou discordasse do dogma do novo regime. Os híbridos: as mulas e os bardotos, também chamados de impuros, acabaram dizimados. Já os poucos burros que sobreviveram, foram submetidos a trabalhos forçados nos campos do sul... Era o nosso abissal mergulho no érebo...

O burro da carroça, que até então ouvia atentamente àquela extraordinária estória, emergiu do transe e exclamou:

– Quanto sofrimento... Quanta maldade! Que Deus tenha tido piedade destes pecados...!

– Deus?! – disse com um ar irônico, o burro do coronel – Deus, meu caro amigo, ele não perdoou ninguém! Sua ira foi extrema e arrebatadora! Primeiro ele começou, progressivamente, obscurecendo os três sóis que lá existiam; o que nos transformou em prisioneiros de uma noite eterna e de um deserto de gelo igual ao cócitos... Por fim, uma leva de moléstias caiu sobre nós, e quase nos aniquilou... Mas, como Deus também é a essência da benevolência, resolveu nos dar uma nova chance. Por isso, enviou os poucos sobreviventes daquele inferno, para este lugar, onde deveriam servir a seres de uma casta inferior: os Homo sapiens; como forma de reparação de todos os nossos pecados. E ao longo destes séculos é o que temos feito... De alguma forma, vivemos para pagarmos pelos erros do passado. Por esse motivo que os burros, além de se tornarem sinônimo de ofensa moral, foram condenados,

como Atlas, a carregar o mundo nas costas; as galinhas e os porcos são sacrificados como Andrômeda; pois dispõem suas carnes a estes seres sedentos por sangue; bem como as vacas fornecem o precioso leite de sua cria; e por fim, os cavalos, como servos de Ares, foram condenados a acompanhar os homens nas guerras e em outros tipos de disputas; não é à-toa que eles estão até no tabuleiro de xadrez... Em suma, a terra é o nosso purgatório!

O burro da carroça tinha o espírito dominado por um misto de convicção e perplexidade. Contudo, seu lado cético foi mais forte, o que lhe levou a inquirir:

– Como sabes que a incrível história que me contaste é verdadeira? Pode muito bem ser um conto qualquer para enganar os tolos...

– Eh...! Poderia até ser uma história falsa, uma imensa mentira... Senão fosse pelo seguinte detalhe, quando algo é verdadeiro é possível sentir sua essência; já a mentira não tem essência! Por isso que quando sentimos, involuntariamente, passamos a acreditar; e quando passamos a acreditar, nós e tudo ao nosso redor, passa a fazer sentido, é como se...

Lamentavelmente, o asno loquaz não pode completar o seu discurso digno de Cícero⁸; pois, neste momento, acabavam de chegar à sede da fazenda; onde a carroça repentinamente mudou de direção, rumo à casa de farinha que ficava um pouco mais adiante. O burro do coronel acompanhou com o olhar, enquanto o outro se afastava e, quando este deu uma

pequena olhadela para o lado, aproveitou o ensejo para balbuciar um breve adeus! Por um instante ficou absorto, fitando o caminho por onde o burro da carroça acabara de seguir e, em meio à tênue e quase que dispersa luz do princípio do crepúsculo, pode ver que o chão estava vermelho de sangue. Constatou de imediato que o processo hemorrágico do burro da carroça deveria ter aumentado; “provavelmente por uma dilatação excessiva das chagas”, pensou. E ainda em pensamento, enviou uma missiva psíquica ao outro: “... Siga sereno, meu caro amigo, por todos os caminhos por aonde venha a passar, sempre siga sereno; por mais que o caminho possa se mostrar ínvio...; sempre, sempre siga em frente e “*serve the servants*”⁷, como um poeta de Aberdeen pediu..., pois este é o nosso destino.”

O burro da carroça seguia aturdido, devido ao breve e intenso diálogo que acabara de ter. Vários pensamentos voavam aleatoriamente dentro da sua cabeça, feito borboletas em uma tarde de Setembro. O pobre animal estava tão reflexivo, que nem se dava conta de que se esvaía em sangue. Mas, logo perceberia que não estava bem: primeiro, começou a achar a carroça cada vez mais pesada; depois descobriu que suas pernas já não eram tão firmes e obedientes; de súbito, ele estancou. Uma sensação estranha tomou conta de seu

7. “*Serve the servants*”¹ – “sirva os servos.” Traduzido do inglês.

corpo, como se sentisse frio e calor ao mesmo tempo; respirava com extrema dificuldade; um gosto amargo subiu-lhe à boca e uma dor lacerante lhe comprimia o coração. Neste instante, o mundo começou a dançar ciranda ao seu redor. Tentou bravamente se manter de pé; mas, a força o abandonara, tombou. No chão, ainda conseguiu abrir os olhos, porém não pode ver a aproximação dos curiosos, nem o belo tom róseo índigo do céu naquele fim de tarde..., estava tudo distorcido. Já não podia ouvir os improperios que Galego dizia, muito menos sentir as chicotadas que o mesmo lhe desferia insanamente... Nada...! Não sentia nada! Seu corpo se fazia pedra. Ainda tentou inutilmente se levantar, mas, não teve jeito. Um espasmo muito forte fez com que esticasse as pernas; deu um suspiro profundo, abriu ainda mais os olhos e em seguida cerrou-os para sempre.

Sua cabeça pendeu para o lado, a sua boca se abriu e os seus dentes ficaram à mostra. Morto! Estava morto! Apoplexia? Choque hipovolêmico? O que o levava a sucumbir? Pouco importava a *causa mortis*..., estava morto.

Algum insensato, em meio aos curiosos que se aglomeraram para assistir aquele funesto espetáculo, chegou a afirmar que o burro estava sorrindo... O parvo nem se deu conta que aquela expressão poderia ser de dor, de sofrimento...; ou quem sabe, talvez tivesse razão o pobre zote... Poderia ser um sorriso, o burro deveria está mesmo rindo: era um ser feliz ante a ignorância dos homens...

O Trem

E ao chegar viu que uma névoa muito tênue emoldurava e realçava os tijolos rubros da fachada de arquitetura anglicana da imponente estação São Francisco, em Alagoinhas. Mas, ignorou haver certa cor de beleza nisto, pois a edificação lhe pareceu ainda mais sombria do que dantes. E só para aumentar este aspecto bruno, o vasto saguão de embarque estava completamente deserto... “Ou eu cheguei cedo demais, ou é mais uma daquelas greves dos funcionários da companhia...”, pensou. A aurora daquele dia já havia fenecido, pois os luminosos raios do sol resplandeciam discretos no horizonte. Entretanto, nenhuma vivalma era vista nas proximidades; fato que lhe causava grande incômodo. E um tanto ansioso consultou o seu pequeno relógio de bolso, no qual os ponteiros formavam um ângulo reto no 3º quadrante da circunferência, marcando quinze para as seis. O trem que o levaria para Juazeiro estava marcado para chegar exatamente às seis. Foi até a bilheteria, mas não havia ninguém no guichê. Proferiu alguns impropérios, por ter que se deslocar com sua mala _que parecia estar ainda mais pesada_ de um lado para outro em vão... Regressou para a plataforma ainda resmungando bastante e ajeitando nervosamente seu pince-nez. Ficou de pé por um momento absortamente contemplando os trilhos levemente orvalhados

pela neblina recente, quando o som de passos pesados e bem compassados, o despertaram da reflexão. Olhou rapidamente para a direção de onde o ruído provinha, e viu surgir a figura de uma elegante dama, que trajava um longo vestido branco coberto por um xale cáqui, e que se deslocava vagarosamente em sua direção.

A distinta senhora com um ar sério, porém cortês, o cumprimentou com um discreto manei-
o de cabeça e foi se sentar num dos bancos da sala de espera, que ficava sob a cúpula central. Ele, por sua vez, retribuiu o cumprimento e ficou a observá-la: percebeu que ela não carregava bagagem alguma; apenas trazia em uma das mãos um leque francês bastante refinado e muito bem ornado.

Durante certo tempo ele ficou a caminhar de maneira impaciente de um lado para outro; ora mirava um ponto no chão, ora mirava o ar, ora não mirava coisa alguma...; mas sempre olhando de soslaio para saber se a dama o observava. Estava nisso, até que uma corneta que lhe era tão familiar se fez soar na estação. Ele então se dirigiu para a beira da plataforma e pôde ver a luz de um amarelo pálido irrompendo a cerração, era o trem.

Era uma locomotiva escura como a noite, formada por não mais do que quatro vagões com uma vasta porta central e quatro janelas bem espaçadas em cada um deles. A porta do último vagão se abriu, mas ninguém desembarcou, nem mesmo o despachante apareceu. Neste momento, a dama se levantou e seguindo para o trem lhe disse:

- Enfim, é chegada a hora de partir... O Senhor não vem?
- Acho que esse não é o meu trem. Respondeu surpreso.
- Caro Senhor Pereira, creio que esse trem o levará para o seu destino. Disse a dama com voz levemente austera.

Ele hesitou por alguns instantes, se perguntando como é que aquela desconhecida sabia o seu nome... “Mas é óbvio! Lera no bolso do meu uniforme...”, concluiu. E em seguida contrapôs:

- Mas eu nem mesmo comprei a passagem...
- Isso não será necessário. Proferiu a mulher por sobre o ombro, seguindo para o interior do vagão.

Ele ficou meio confuso, observou ao seu redor e decidiu por embarcar no trem.

O cerne da composição estava mal iluminado, com uma atmosfera um tanto pesada e com um cheiro acre de bálsamo que dominava todo ambiente... Procurou apurar a vista para ver se conseguia localizar a misteriosa dama, mas não viu ninguém; em nenhuma das duas fileiras de poltronas de revestimento cinza que seguiam de uma extremidade à outra... O vagão estava completamente vazio. E esta constatação lhe causou imensa estranheza. Pensou em se dirigir até a porta e descer do trem; contudo, isso já não era mais possível: a porta estava fechada e a locomotiva em movimento.

Tentando permanecer calmo ante ao iminente medo, resolveu seguir para o terceiro vagão, contudo o encontrou vazio. Lançou-se rumo ao segundo; que estava tão ermo quanto

os outros! O desespero, que já não era latente, o guiou decididamente rumo à composição principal. Mas, para aumentar a sua insólita consternação, a casa das máquinas estava deserta: nem sombra do maquinista; nem sinal da enigmática dama... E com olhar perplexo fitou o caminho à sua frente e viu que a entrada de um túnel se aproximava. E uma vez dentro deste, em pouco tempo um breu pleno irrompeu a cabine e não era possível ver mais nada. Entretanto, depois de alguns instantes, uma luz surgiu mínima a certa distância e, numa crescente, foi aumentando de intensidade; até que o imenso brilho avançou, veloz como um relâmpago, na sua direção... E num breve momento, já não existia mais trem; já não existiam mais trilhos; já não havia mais caminho a seguir... E por fim, já não havia nem mesmo a existência do existir..

Sob a Ponte

“Por quê?”, era o que ela se perguntava ao analisar com cuidado a condição em que se encontrava: uma tenda improvisada com madeira e lona; um monte de papelão; algumas garrafas pet; outras tantas latinhas de alumínio; alguns livros velhos (que nunca iria ler) e um fogão de tijolos no qual se aquecia durante o preparo do escasso jantar... “Eh, a nossa situação é triste mesmo...”, constatou.

“Será meu Deus que um dia encontraremos a felicidade...?”, disse isso numa prece sussurrada, para não despertar o seu companheiro. Silenciou por um instante, respirou fundo e ficou a velar o sono tranquilo do seu cúmplice de sofrimento.

“Queria ser como ele, ter essa força de quem não se abate com nada.”, pensou.

Pouco tempo depois, o que tanto temia aconteceu: o seu corréu acabou despertando, talvez por conta do ruído inaudível, mas deveras incômodo, daquela angústia... Ela então olhou para ele e percebeu que toda felicidade que há neste mundo, fazia morada no brilho de um minúsculo sorriso sincero e ainda desprovido de dentes...

*Somnium Anima*⁸

No sombrio tumbeiro duma nau portuguesa, tudo era uma infinda sucessão de horrores: fome, sede, frio, o cheiro nauseante de excrementos e corpos putrefatos, que sucumbiram à disenteria e a saudade. Eis que um estrondo tamanho irrompe no porão do navio. Os gemidos de dor e sofrimento dos negros cativos foram de súbito substituídos por gritos aterrorizantes de desespero e, somados a estes, estertores de pânico e medo. Ainda era possível ouvir o som da madeira que compunha o casco do navio sendo estilhaçada, como se estivesse a se chocar violentamente contra rochedos impetuosos. – E como última nota para compor a plaga da sonata do horror, a passagem veloz de turbilhões de água pelas ravinas abertas na embarcação, fazia ressoar o canto lamurioso de um iminente fim...

No convés o capitão constatara, da pior forma possível, que cometera um insólito erro de navegação; o que fizera com que o navio seguisse na corrente sul, que os levara de Angola à famigerada costa da Namíbia. Com a consciência mais pesada que uma âncora por ter substituído o astrolábio por sua intuição, tentava de forma confusa orientar a tripulação em meio

8. *Somnium anima* – “Sonho da Alma”. Traduzido do latim.

aquela Babel. Esforço vão. Era praticamente impossível escapar da foice da costa da morte... O naufrágio era só uma mera questão de tempo.

A tempestade era implacável: torrentes de ventos gélidos e devastadores; ondas imensas, que com certa facilidade varriam o tombadilho, arremessando os pobres marujos nas águas turbulentas e turvas daquele cruel pedaço do atlântico. No porão, já tomado pela fúria do mar, alguns escravos se debatiam para tentar se desvencilhar das correntes; outros nem forças detinham, para tentar a proeza de se salvar... A cena daqueles seres tomados de pavor, com seus corpos caquéticos a se revirarem em movimentos convulsos e espasmódicos, formava assim, um grotesco e angustiante ballet subaquático; que progressivamente ia ficando cada vez mais lento, até cessar por completo o triste espetáculo, quando, enfim, cerrava-se a invisível cortina da morte.

E em pouco tempo o mastro principal estava quase que completamente submerso, e ao seu redor um desolado cenário de destruição. Tudo era um amontoado disforme de destroços, que dançavam conforme o ritmo das ondas. E no meio deste caos, um negro tentava se manter vivo; seguia agarrado sobre um pedaço de madeira, numa verdadeira tábuca de salvação, provavelmente uma parte do *chapidéu* da popa, pois trazia inscrito em latim o nome da nau: “*Somnium anima*”. E foi em meio a este duelo deveras difícil que travavas com o mar, que o naufrago avistou a algumas braçadas de distância, a figura de uma

peessoa, que desprendia todas as suas forças para permanecer à tona, agarrando-se com extrema dificuldade a um barril de vinho. Devido a escuridão, só a poucos metros pôde constatar que o outro sobrevivente era um homem branco e de meia idade, um dos membros da tripulação. O homem, por sua vez, ao avistar o negro em sua embarcação improvisada, pôs a acenar e a gritar desesperadamente pedindo por ajuda. Sem titubear o negro pôs-se a remar com as mãos em direção ao tripulante. Contudo, a água revolta inibia a sua ação; tamanho era o seu empenho, mas a impressão que lhe causava, era de que não saía do lugar. Enquanto isso, o homem branco apresentava sinais de cansaço; pois emudecera, e apenas sofridamente acenava com uma das mãos. Eis que tomado por um assombroso ímpeto, o negro passou a remar com toda sua força. E deu resultado. Aos poucos foi se aproximando do naufrago, até que conseguiu lhe estender uma das mãos, que foi prontamente agarrada pelo desespero do outro. Restava agora puxá-lo para cima da tábua, tarefa que exigiu ainda mais esforço... Mas, assim o fez. E uma vez colocado em decúbito sobre o pedaço de madeira, o homem, empenhando-se para falar, de maneira ofegante disse: “Graças a Deus, graças ao bom Deus!” E logo após, superado pela fadiga, desfaleceu.

Ao negro agora, restava remar em dobro. Naquela escuridão, não sabia para onde remava, apenas remava; ora com o braço esquerdo, ora com o braço direito... E assim seguiu, nesta exaustiva alternância, por horas; até que, pouco antes da aurora, completamente exaurido, adormeceu.

E foi sob um céu assombrosamente límpido, que o negro despertara de seu sono profundo. E para sua imensa surpresa já não se encontrava sobre um dos destroços do *Somnium Anima*, estava deitado no lastro de outra embarcação, que deslizava suavemente num mar de extrema calma. Mas, sua mente se mostrava bastante confusa; pois não compreendia o que acontecia: que lugar era aquele; quem eram aquelas pessoas estranhas a sua volta, como fora parar ali...; chegou mesmo a ponderar que aquilo tudo não passava de uma quimera onírica. Puro engano. Aquela coisa que se mostrava ante seus olhos incrédulos, era a plena realidade. – Havia sido encontrado à deriva a poucas milhas da costa, sendo então resgatado e trazido a bordo daquela nau. Contudo, as dúvidas ainda atormentavam o negro; mas foram em seguida pugnadas, quando dois homens vieram ter com ele. Ainda muito fraco, ergueu vagarosamente a cabeça à guisa de ver quem eram estes que se aproximavam, e assim, pôde notar que um deles, de ar imponente apesar da baixa estatura, trajado em roupa distinta, usava um vasto chapéu que trazia bordado na aba o brasão da coroa portuguesa, era o capitão do navio; quanto ao outro, este lhe era bastante familiar, mesmo que suas feições agora se mostrassem brandas, reconhecia os traços daquele rosto que vira em pleno desespero, tinha certeza, era ele: o homem que salvara do mar. E tomado por um ânimo repentino, quis se colocar de pé, mas as correntes e o peso dos grilhões o impediram. No entanto, antes

de ser arrastado por quatro tripulantes para o breu do porão, ainda restou-lhe ver, do alto de sua impotência, o capitão entregando alguns dobrões para o outro, que avidamente se pôs a contar aquelas poucas moedas de ouro...

Este livro foi composto na tipografia Leitura Roman 1,
em corpo 11.5/17.25, no formato 150 x 210mm, miolo
impresso em papel Polén 80 gramas e capa no papel
Supremo 250 gramas, no sistema Heidelberg Speedmaster
SM 102 da Gráfica e Editora Regente Ltda.

2014